

Uma Escola dos Sonhos: promoção de autonomia nas aulas de violino em um projeto social em Bananeiras - PB

Comunicação

Katilly Joyce Paulino de Medeiros
Universidade Federal da Paraíba
katillyp@gmail.com

Resumo: Esse texto se trata de um relato de experiência em andamento de aulas de violino realizadas na Escola Nossa Senhora do Carmo (Escola dos Sonhos), em Bananeiras - PB, por meio da parceria desta com o governo do Estado da Paraíba e o Projeto Prima. Através da metodologia freiriana da pedagogia da autonomia, desenvolvida na escola em questão, esse texto tem o objetivo de mostrar o processo de elaboração e desenvolvimento dos Roteiros de Aprendizagem aplicados nas aulas de violino com foco em desenvolver a autonomia dos alunos no processo de aprendizagem. Para isso, neste texto, há uma reflexão bibliográfica da literatura das práticas pedagógicas modernas de ensino instrumental, observando-se três correntes principais atuantes no cenário. Como resultados parciais, houve a elaboração e participação dos alunos em seu processo de ensino, através de organizações em grupos de conhecimento e desenvolvimentos de habilidades específicas com comitês semanais de reflexão, crítica e proposição conjunta dos Roteiros. Esses processos de elaboração igualitária dão clareza aos alunos sobre os processos de aprendizagem, uma vez que, com a reflexão contínua de suas curiosidades, estes passam a ser protagonistas de sua construção. Como conclusão, se observa que a educação para a autonomia é benéfica para um ensino centrado no indivíduo e suas realidades e precisa ser mais discutida, pois poderá desenvolver resultados benéficos para a literatura brasileira do ensino de cordas friccionadas.

Palavras-chave: Autonomia; Aulas de violino; Projeto social; Escola dos sonhos.

Introdução

Este relato de experiência tem princípio dentro do Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Projeto Prima), pois iniciei como aluna em 2014 e me tornei, alguns anos depois, professora do projeto. Na Paraíba, o Projeto Prima é um exemplo de iniciativa sócio-

orquestral que vem ganhando influência, notoriedade e extensão territorial ao atingir crianças de 8 a 18 anos de idade. Este programa foi criado em 2012 pelo o então ex-governador da Paraíba Ricardo Coutinho e o secretário de cultura na época Francisco César Gonçalves (Chico César) com o objetivo de ser uma intervenção de nível cultural a realidades socialmente excluídas (SANTANA, 2019). Como aponta a literatura especializada, esses programas de orquestras utilizam aulas em grupo voltadas ao ensino orquestral para desenvolver “cidadania” nas pessoas atingidas por eles, e inicialmente, “o projeto Prima foi pensado para se estar em escolas estaduais de ensino integral, [...] mas nem sempre esse modelo teve sucesso”, como aponta Santana (2019, p. 69). Dentro dos casos que fogem ao padrão, em 2023, o Prima estabeleceu uma parceria com a Escola Nossa Senhora do Carmo (Escola dos Sonhos), essa que é uma organização não governamental sem fins lucrativos da cidade de Bananeiras - PB, que possui metodologia freiriana, e passou a funcionar em suas dependências pois os objetivos do programa se alinhavam em pontos com os da escola.

Dentro de tudo isso, no mesmo ano da integração do pólo de Bananeiras, passei imediatamente a fazer parte do corpo docente do projeto na cidade, sendo essa a minha primeira experiência com tal função em um projeto social. Na implementação das aulas de instrumento, inicialmente só os da família das cordas, passei a liderar as aulas de violino ao lado de mais 3 professores, cada um responsável pelos outros instrumentos friccionados. Desde então, muitos questionamentos passaram a circular em minha mente, como, por exemplo, o meu papel como professora de um projeto social e o ensino de violino em uma escola com metodologia freiriana como a Escola dos Sonhos.

Dentro dessas provocações, ao longo desse um ano, venho tentando elaborar e aprender com os educandos em uma via de mão dupla. Dessa forma, o relato de experiência, aqui, faz parte de um campo de pesquisa em andamento e tem como objetivo narrar a minha trajetória e adaptação até agora à escola através da tentativa da busca pela autonomia do educando no ensino de música com vista ser um contraponto à educação bancária que o ensino tradicional e colonizador de música possui. Para isso, trago uma breve revisão de

literatura sobre ensinos de música e, como resultados parciais, relatos sobre elaboração dos roteiros de aprendizagem, estes que possuem estratégias para a promoção da autonomia dos educandos, e os caminhos alcançados até o momento com a criação de arranjos, avaliação do conhecimento através de reuniões, rodas de conversação e culminância do projeto desenvolvido. Especificamente, trarei a experiência do primeiro roteiro elaborado, os resultados obtidos e provocações para o futuro. Como conclusão, se espera que esse trabalho possa ser provocador ao tentar mostrar novas abordagens de se compartilhar violino.

Breves perspectivas de cooperação para um ensino de música para a autonomia

Podemos constatar mudanças de paradigmas na educação musical iniciadas com os chamados “métodos ativos” no final do séc. XIX e princípio do séc. XX (SACRAMENTO, 2011). Em uma visão moderna, Keith Swanwick (1993) aponta em seus trabalhos três vertentes de ensino: uma em que ainda há a persistência de uma educação musical tradicional em que o professor ainda transmite ao aluno as suas preferências; uma mais baseada no desenvolvimento e curiosidade das crianças; e outra pautada em um entendimento sociológico da realidade dos alunos.

Dentro de estudos atuais, como o de Carvalho (2022), a capital paraibana, quando se fala nos currículos e ensino de violino, ainda é muito pautada na primeira tendência com base no ensino tradicional musical. Nisso, em meu caminho como docente, vi a necessidade de refletir meus papéis, uma vez que se pode afirmar que “podemos dizer que nossas práxis educativo musicais podem tanto romper barreiras de estruturas hegemônicas, como também reproduzir uma “educação que só trabalha para reforçar a dominação” (HOOKS, 2017, p. 12 apud. CARVALHO, 2022). Ensinar como fui ensinada não era o caminho que eu queria seguir, visto que este se deu com a educação musical tradicional em grande parte de minha trajetória,

mesmo tendo iniciado em um projeto social, já que, como se pôde ver, o ensino tradicional é uma realidade constatada no repertório do violino na cidade de João Pessoa - PB.

Quando se fala da escola ao qual o projeto fechou parceria, ao iniciar o meu trabalho e viagens semanais para a cidade de Bananeiras, já que resido em João Pessoa, a Escola dos Sonhos me inquietou, a princípio, com suas diferenças: seus alunos não enfileirados em carteiras, suas salas de aulas sem paredes e seus métodos integrados. A Escola dos Sonhos nasceu em 2004 na cidade de Bananeiras e hoje funciona como uma escola comunitária sem fins lucrativos com tendências freirianas. Na metodologia da instituição há uma integralização, onde educador e educando são construtores do conhecimento pela relação dialógica, sem hierarquia de saberes, de posições de poder, mas da partilha (COELHO, 2022) do conhecimento e deveres. Dignidade, respeito, fraternidade, solidariedade, senso de comunidade, trabalho em equipe e transformação das pessoas pelo protagonismo. Estas são as palavras que alicerçam a escola e criam um contraponto à educação bancária do ensino tradicional, em que o aluno escuta e não é o ouvido, sendo o professor o maior detentor de conhecimentos e o aluno um pote vazio a receber informações. Na lógica de combate, os alunos e professores trabalham juntos para a construção do conhecimento, sendo o professor um estimulador de suas curiosidades.

Então, já nos primeiros dias de aula do projeto na escola, com métodos ainda tradicionais, os alunos demonstraram elevados níveis de interesse e protagonismo ao se aventurarem pela descoberta do instrumento sozinhos: alguns, seguindo seus corpos; outros, influenciados por pesquisas na internet, já traziam músicas desvendadas como o Parabéns para você e Asa Branca; uma parcela, em um primeiro momento, mesmo sem treinamento do ouvido, demonstrou grande sensibilidade aos comas e afinação do instrumento ao conseguir tirar músicas de ouvido e ouvir desafinações; já outros demonstraram interesse em formar grupos musicais para fazer apresentações com criações de arranjos, performances e desvendamentos do saber. Desde os primeiros contatos, ficou bastante claro que a lógica de ensino de música de massas e mercadológica não conseguiria tirar o melhor dessa sala de mais

de 30 alunos de violino: esses, já tão acostumados a serem protagonistas de seu aprendizado, precisavam de um olhar sensível e atento.

Influenciada pelos corredores e conversas na escola com os gestores, diretores, pais e alunos, passei a querer adotar as filosofias destes e querer integrá-las às minhas aulas de violino concomitantemente às filosofias do Projeto Prima, já que, de acordo Santana (2019, p. 77), os professores e gestores do Projeto Prima são influenciados a promover discussões e formações que abordam o universo dos alunos (SANTANA, 2019, p. 77), para que, a partir do contato com instrumentos e por estarem sendo desenvolvidas as questões citadas, os alunos alcancem as palavras que regem a filosofia do projeto, que são: o respeito ao próximo e às diferenças; disciplina; aprendizado colaborativo; capacidade de lidar com desafios; humildade; solidariedade e a busca pela perfeição (PRIMA, 2018, p. 23, apud PRISCILA, 2019, p. 77).

Dessa forma, pareceu-me muito natural aprender com os alunos e suas experiências já que, tomando como base um ensino de música moderno, há uma complexa teia de lugares, situações e experiências a serem considerados (SANTANA, 2019). Também, pode-se afirmar que as duas últimas tendências que Keith cita podem resultar em um ensino de violino mais aliado às perspectivas de educação para a autonomia que Paulo Freire narra em sua obra, uma vez que esta busca formar sujeitos críticos, reflexivos e ativos para a transformação da sociedade. Ouvir as individualidades dos alunos e deixá-los explorar o instrumento ao seu interesse são pontos fortes a serem citados. Assim, o educando se torna agente de seu próprio processo desenvolvendo sua consciência (Freire 1996/201) através da descoberta e curiosidade. Desse modo, a autonomia através do protagonismo nasceu como um valor importante às minhas tardes de “oficinas” violino, já que é “necessário um compromisso no sentido do rompimento de trajetórias formativas coloniais, elitistas e excludentes, que não contribuem para formação humana, tampouco musical, dos sujeitos envolvidos no processo educativo” (CARVALHO, 2022), uma vez que “ensinar não é transferir conhecimento, mas

criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção”. (FREIRE, 1996/2011, p. 47).

Processos de reorganização das aulas de violino na Escola dos Sonhos

Houve inúmeros desafios no início das aulas de violino e no alcance de se chegar à autonomia e respeito devido aos alunos. O primeiro deles foi o elevado número de educandos para as horas semanais de ensino possíveis, já que trabalho na escola viajando de João Pessoa a Bananeiras uma distância de 131 quilômetros duas vezes por semana me concentrando em aulas de 3h o dia cada. Se eu dividisse essas 6 horas pelos mais de 30 alunos, cada educando teria menos de 6 minutos semanais consideráveis. Em uma perspectiva que a ideia é explorar a individualidade, esse tempo é desvantajoso e fora da realidade. Decidi, então, que o ensino coletivo era a melhor estratégia para se alcançar o fim almejado. Assim, cooperação, trabalho em equipe e fraternidade puderam passar a ser valores importantes nas aulas de violino. Nesse cenário, a própria organização da escola me ajudou na reorganização dos alunos, pois ela, com o objetivo de desenvolver pluralidades, não divide seus alunos por faixas etárias e séries, mas, sim, por três núcleos de aprendizagem: iniciação, desenvolvimento e aprofundamento, assim, compreendendo diferentes visões de aprendizagem, uma vez que a iniciação visa a compreensão do ambiente escolar e socialização (COELHO, 2022); o desenvolvimento tem o objetivo de compreensão de múltiplos contextos e o desenvolvimento da autonomia (COELHO, 2022); e o aprofundamento:

“contempla educandos(as) que compreendem um trabalho educativo voltado para a sua própria valorização. Nesse sentido, agem como protagonistas na construção do conhecimento, na busca da autonomia como requisito desse protagonismo, bem como na relação dialógica e colaborativa para ampliar a capacidade de aprendizagem. Para isso, utilizam variadas formas de aquisição do saber e de expressão, de linguagens e de compreensão do ambiente natural, social, político e cultural. Essas, possibilitam a promoção de uma consciência crítica e ativa e que expresse suas emoções, valores e

ideias, contribuindo com a organização de um pensamento mais sistêmico e maduro”
(Coelho, 2022).

Com isso, posso afirmar que a classe de violino possui alunos que estão nos núcleos de desenvolvimento e aprofundamento, principalmente, pela faixa etária que o programa aceita. Dentro disso, me vi com diversas possibilidades e desafios de ensino: as minhas dúvidas e inseguranças me dominavam por ser a minha primeira experiência como professora de violino em um projeto social, então eu queria entender as individualidades das crianças e suas realidades com o objetivo de produzir um ambiente positivo violinístico dentro das oficinas. Diante de tudo, o pouco tempo juntos era uma questão interessante. Em primeiro lugar, uma ferramenta que me ajudou nessa primeira adequação foi os denominados Roteiros de Aprendizagem, que são cartilhas de acompanhamento individual de ensino construídas em conjunto entre o educando e o educador. Essas cartilhas, também chamadas de trilhas da aprendizagem, são organizadas em 3 semanas, sendo essas divididas em planos de ação com o objetivo de se chegar ao conhecimento final. Ao fim de cada semana, há momentos conjuntos para se debater as estratégias da semana e elaborar as próximas. Para isso, comecei a entender que a valorização dos interesses pessoais dos alunos quanto à música era algo a ser posto como protagonista no planejamento da proposta pedagógica. Suas percepções e exploração desse processo também era algo a ser colocado em prática como um exercício de promoção de autonomia, já que, como já discutido, esses passos desenvolvem alunos mais conscientes de seus processos educativos e percepções para o mundo. Nestas perspectivas, virou hábito elaborarmos em conjunto os repertórios através de assembleias conjuntas aos núcleos de desenvolvimento e aprofundamento.

Em uma das primeiras construções da trilha pedagógica da turma, realizamos uma assembleia coletiva com os alunos para traçarmos caminhos para o conhecimento. Para isso, os alunos tiveram que decidir, em conjunto, uma música em comum para a construção da trilha. Nesse cenário, surgiram diversos ritmos, temas e realidades, mas, nesse primeiro

momento, a fim de desenvolver espírito à coletividade, foi necessário uma decisão conjunta. E, também, seria inviável a mim ensinar as 30 músicas individuais que cada um desejava explorar. Assim, os alunos tiveram que dialogar e, com minha ajuda, chegou-se a uma música tecnicamente viável. Nessa primeira, se decidiu tocar a música *Viva La Vida* da banda americana *Coldplay*.

Depois da decisão final e o Projeto ser denominado à música citada, tivemos que discutir, primeiramente, os objetivos gerais, chegando à conclusão que seria o processo de desenvolvimento da escuta com a criação de uma orquestra de violinos. Para isso, entre os valores da cartilha, como mostra a tabela I, foi-se escolhida a Concentração como um entendimento que o processo de aprendizagem do violino envolve valores que levam tempo e precisam de paciência e prática como o desenvolvimento de coordenações grossas e finas musculares e o treinamento do ouvido. Esse valor foi decidido a ser trabalhado com exercícios em grupo e individuais (com atividades a serem desenvolvidas em casa, como tocar violino por 10 minutos todos os dias em casa sem distrações).

Tabela I: Valores do Conhecimento

Valores
Interação e colaboração
Empatia e respeito
Concentração
Autonomia e protagonismo
Criatividade
Afetividade
Organização e Planejamento
Autoconhecimento e autoavaliação

Consciência crítica

(Auto)cuidado e bem estar

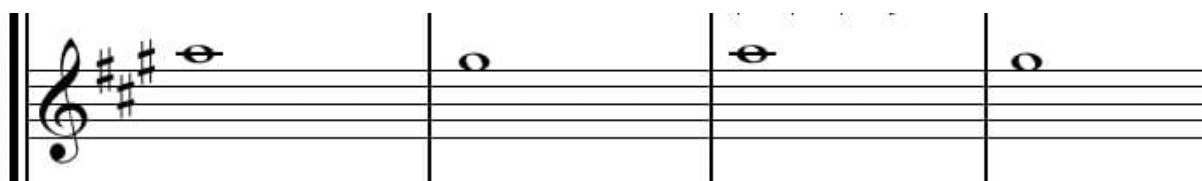
Depois, tivemos que refletir como seria o processo de aprendizagem na primeira semana: o que deveria ser aprendido e como? Nisso, através de conversas, os educandos decidiram que teríamos que elaborar passos e, pensando em uma pirâmide, precisaríamos partir da base. Com isso, a criação do arranjo ficou ao meu critério. Para a elaboração deste, resolvi explorar os diferentes ostinatos presentes na música e dividi-los entre os 4 naipes de violino. O ostinato do ritmo ficou dividido entre os violino 1 e 2, as notas longas no violino 3 e o contracanto no violino 4 (figuras 1, 2 e 3). A melodia ficou ao meu cargo como violino solista. Os desafios, então, nessa pirâmide, eram o aprendizado da localização geográfica das notas no instrumento (para isso o estudo da escala utilizada com dedilhados em primeira posição) e o estudo do ritmo das notas, principalmente para os naipes de 1º, 2º e 4º violinos e posterior estudo das regiões e golpes do arco necessários a fim de procurar o som adequado à música original a partir de exploração.

Figura 1: Ostinato violino 1 e 2



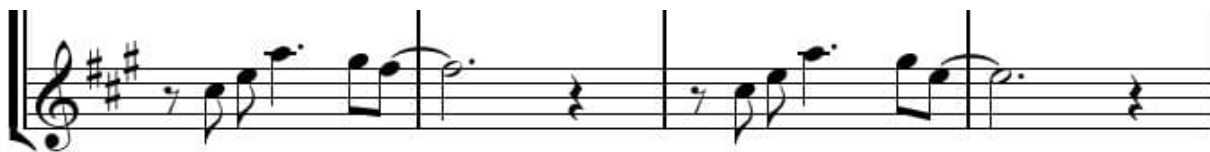
Fonte: A autora.

Figura 2: Ostinato violino 3



Fonte: A autora.

Figura 3: Ostinato violino 4



Fonte: A autora.

Depois dessa etapa, pudemos elaborar a segunda semana com ensaios em conjunto com o objetivo de juntar os retalhos. Para isso, foi elaborado o plano de concentração do ouvido e das partes individuais em corroboração com as dos outros naipes, pois, uma vez que eu estava no solo, o alunos precisavam serem líderes e assumirem a responsabilidade de manter o tempo e se escutar para continuarem em sintonia nos ostinatos, desenvolvendo autonomia, escuta e gentileza ao se ouvir os colegas. Ao fim desta semana, nos reunimos e pudemos discutir o que aprendemos com o projeto e se ele foi alcançado, havendo relatos acerca da dificuldade de manter o tempo dos ostinatos, mas também da felicidade em poder contribuir conjuntamente para a música.

Na terceira semana, aconteceu a culminância do projeto e pudemos apresentá-lo para os alunos da escola que formaram nosso público ouvinte. Na mesma terceira etapa, pudemos nos reunir com o objetivo de parabenizar, criticar e propor as estratégias usadas na trilha a fim de melhorar para a construção das próximas em uma roda de apreciação do trabalho realizado. Houve questionamentos acerca da construção e aprendizagens de uma maior gama de escalas para uma maior exploração do espelho do violino a partir de suas oitavas e fôrmas de mão e também uma necessidade de valorização, também, para as próximas trilhas, de ritmos regionais como o forró, o coco e a ciranda. Depois da construção desse primeiro roteiro de aprendizagem, as crianças foram escutadas e trouxemos Asa Branca e Sabiá, de Luiz Gonzaga, dessa vez em uma atividade conjunta com todo o pólo envolvendo arranjos para orquestra de cordas criados por outro professor.

Além disso, cabe, aqui, salientar que há uma forte presença de grupos de câmara no pólo de forma autônoma que têm como objetivo compartilhar música e interesses entre si, criando arranjos de ouvido e o desenvolvimento musical a partir disso, mas ainda essa realidade não consegue abarcar nem 10% dos alunos. Esses grupos, que são trios, duos, quartetos, etc, realizam apresentações dentro e fora da escola com o objetivo de levarem músicas e suas expressões artísticas tocando de cor músicas de suas preferências através de sua criatividade.

Conclusões

Paulo Freire (1996/2011, p. 47) diz que o professor deve entrar em sala de aula “sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade [...]; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa” de educar. Em conclusões, o ambiente já formado da Escola dos Sonhos foi um grande incentivador e potencializador dos ideais filosóficos do Projeto Prima, partindo em uma via de mão dupla à construção de alunos protagonistas de seus saberes e caminhos através do reconhecimento, valorização e crítica de seus processos de aprendizagem, uma vez que a autonomia é uma “competência para gerir sua própria vida, fazendo uso de seus próprios meios, vontades ou princípios” (DICIONÁRIO, 2024). Dessa forma, posso afirmar que as aulas e experiências de construção do aprendizado na Escola dos Sonhos vêm sendo um grande e desafiador laboratório incentivado da autonomia e valorização do ser.

Entretanto, dentro de todo esse cenário de aprendizagem utópica, ainda restam questionamentos pertinentes: em projetos futuros, há a vontade de uma maior participação dos alunos no processo de criação, pesquisa, escrita e escuta dos arranjos, pois os possibilitará outras dimensões da prática violinística. Urge, também, a necessidade de um aprofundamento e estudos comparativos sobre os efeitos dos Roteiros de Aprendizagem no auxílio do ensino de violino e seus impactos diretos na promoção da autonomia dos educandos. Com esses questionamentos, acredito que esse relato, por ser parcial e se tratar de uma pesquisa ainda viva, possui, ainda, muitas respostas a serem dadas e resta que essas novas indagações

potencializem e incentivem outros trabalhos que possam possibilitar a construção de uma pedagogia violinística mais humanizada e condizente com nossa cultura.

Assim, sendo essa uma preocupação, a pedagogia da autonomia, inerente ao pensamento de criação das novas formas modernas de se ensinar música, urge, principalmente na compartilhamento das cordas friccionadas nacional, a necessidade de crescente pesquisa ação em metodologias que priorizem individualidades uma vez que pode-se perceber, de acordo com a literatura e pensadores como Queiroz (2020), que os cursos de música ainda seguem a mesma lógica conservatorial e tecnicista de suas criações, não conseguindo muitas vezes abarcar e incentivar pensamentos críticos, valorização de ambientes e pessoas locais, etc. por valorizarem repertório quase sempre euro centralizado e, mesmo quando brasileiro, fechado à lógica erudita.

Referências

CARVALHO, Leticia Oliveira Augusto de. *Traços de colonialidade na formação violinística inicial em instituições formais de ensino de música na cidade de João Pessoa/PB: considerações acerca de uma análise documental em andamento*. In: Congresso da ANPPOM, XXXII, 2022, Natal - RN. *Anais*. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2022/papers/1327/public/1327-5630-1-PB.pdf. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

COELHO, Leila Rocha Sarmiento. *Essa vida chamada escola: o olhar para dentro e para fora nos caminhos de outra educação possível*. 1 ed.: MOANE – Movimento de Alternativas para uma Nova Educação, 2022.

DICIONÁRIO. *Dicionário Online de Português: Autonomia*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/autonomia/>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

FEICHAS, Heloisa Faria Braga; NARITA Flávia Motoyama. *Contribuições de Paulo Freire para a Educação Musical: análise de dois projetos pedagógico-musicais brasileiros.*

Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas, 11(1), 15-38, 2016.

<http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.mavae11-1.cufe>.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 1967. 22ª reimpressão. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 1994.

FREIRE Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. 1996. 43ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 2011.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. In: CARVALHO, Leticia Oliveira Augusto de. *Traços de colonialidade na formação violinística inicial em instituições formais de ensino de música na cidade de João Pessoa/PB: considerações acerca de uma análise documental em andamento.*

In: Congresso da ANPPOM, XXXII, 2022, Natal - RN. *Anais*. Disponível em:

<https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2022/papers/1327/public/1327-5630-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

PRIMA. *Programa de Inclusão Através da Música e das Artes*. Projeto Político Pedagógico. João Pessoa, 2018. In: SANTANA, Elizane Priscila Silva. *Cidadania e projetos sócio-orquestrais: um estudo a partir das perspectivas dos egressos do Prima*. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 170. 2019.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. *Até quando, Brasil?*. PROA Revista De Antropologia E Arte, v. 1, n. 10, p. 153-199, 2020.

SACRAMENTO, Milene Alice do. *Uma reflexão sobre a dimensão musical do ensino do violino nas propostas pedagógicas de Suzuki e Galamian. 2011*. Disponível em:

<<https://ufsj.edu.br/portal2->

[repositorio/File/semanaeducmusi/Milene%20Alice%20do%20Sacramento.pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/semanaeducmusi/Milene%20Alice%20do%20Sacramento.pdf)>. Acesso em:

12 de agosto de 2024.

SANTANA, Elizane Priscila Silva. *Cidadania e projetos sócio-orquestrais: um estudo a partir das perspectivas dos egressos do Prima*. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 170. 2019.

SWANWICK, Keith. *Permanecendo fiel à música na educação musical*. II Encontro Anual da ABEM. 1993. In: SACRAMENTO, Milene Alice do. *Uma reflexão sobre a dimensão musical do ensino do violino nas propostas pedagógicas de Suzuki e Galamian. 2011*. Disponível em:

<<https://ufsj.edu.br/portal2->

[repositorio/File/semanaeducmusi/Milene%20Alice%20do%20Sacramento.pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/semanaeducmusi/Milene%20Alice%20do%20Sacramento.pdf)>. Acesso em: 12

de agosto de 2024.